

As belas imagens corporais

The beautiful body images

Las hermosas imágenes corporales

PAULO SERGIO BEROFF¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, UFAL, MACEIÓ-AL, BRASIL

RESUMO

Neste ensaio, tendo por objeto o potencial regressivo da heteronomia provocada pelas belas imagens padronizadas das atividades físicas midiáticas pela Indústria Cultural, optamos em narrar a história deste mecanismo repressivo que paralisa e prende a subjetividade; isto por meio do procedimento dialético negativo e tendo como instrumento de análise a categoria estética na interlocução com Nietzsche e Adorno, para relacionar este conhecimento com o que ele não é: instintivo, sensível, pois, historicamente tem suas bases no pensamento identificante que está na essência da produção social. Assim, tentamos avançar no sentido de compreender este sistema racional que insiste em resumir a essência do desigual em ideias iguais e essenciais, apresentando como formas/aparências universais, técnicas corporais com um caráter estático, arquétipos de mediação entre o sujeito e o objeto, mas subtraindo daquele a experiência sensível com este, com o conteúdo, com a realidade corporal.

Palavras-chave: Semiformação. Experiência Formativa. Técnicas Corporais. Indústria Cultural.

ABSTRACT

In this essay, which aims at the regressive potential of the heteronomy caused by the beautiful and standardized images of physical activities extensively promoted in the media by the Cultural Industry, we chose to narrate the history of this repressive mechanism that paralyzes and binds subjectivity. We carried this out by means of the negative dialectic procedure and by using the aesthetic class in the interlocution with Nietzsche and Adorno as an instrument of analysis to relate such knowledge to what it is not: instinctive, sensitive; once, historically, it is rooted in the identifying thought which is in the essence of social production. Thus, we tried to move ahead in the attempt to understand this rational system that insists on curtailing the essence of the unequal into equal and essential ideas, by presenting universal shapes/appearance as bodily techniques having a static character which are archetypes of mediation between the subject and the object, but they subtract from the former the sensitive experience with the latter, with the content, and with its body reality.

Keywords: Semi-Formation. Formative Experience. Body Techniques. Cultural Industry.

RESUMEN

En este ensayo, centrándose en el potencial regresivo de la heteronomía por las hermosas imágenes estandarizadas de las actividades físicas corporales mediadas por la Industria Cultural, elegimos narrar la historia de este mecanismo represivo que paraliza y encarcela a subjetividad; esto a través del procedimiento dialéctico negativo y la categoría estética en la interlocución con Nietzsche y Adorno, para relacionar este conocimiento con lo que no es: instintivo, sensible, porque históricamente tiene sus bases en el pensamiento identificativo que está en la esencia de la producción social. Así que tratamos de avanzar hacia la comprensión de este sistema racional que insiste en resumir la esencia de lo desigual en las ideas iguales y esenciales, presentando como formas/aparencias universales, técnicas corporales con carácter arquetipos de mediación entre el sujeto y el objeto, pero restando de aquel, la experiencia sensible con esto, con contenido, con la realidad corporal.

Palabras clave: Semiformación. Experiencia Formativa. Técnicas Corporales. Industria Cultural.

¹ Professor Associado da UFAL. E-mail: pbereoff@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4131-4554>.

INTRODUÇÃO

A dialética como procedimento significa pensar as contradições experimentadas na coisa e pensar contra ela por contradições. É contradição na realidade e também contradição contra a realidade (ADORNO, 1975, p. 148).

O procedimento em epígrafe tem sido adotado já há algum tempo em nosso projeto de busca de uma Educação Física Escolar para a contradição e para a resistência contra a semiformação do trabalho corporal (BEREOFF, 2001), proporcionada pela realidade dos conhecimentos corporais fetichizados que, apresentam-se como mercadorias da Indústria Cultural assumidas socialmente como modelos de articulação entre trabalho corporal e formação cultural, proporcionando vivências imediatas - *Erlebnis* -, que provocam uma satisfação real em seus consumidores.

Porém, esta satisfação imediata, provém de um sucedâneo, de bens culturais congelados, de categorias afirmativas do espírito objetivo, que levam a consciência ao assentimento do existente, portanto, a uma atitude de assimilação, de adaptação ao menos diferenciado, provocando assim, um enfraquecimento da aptidão à experiência formativa - *Erfahrung*, que resulta em uma forma regressiva na formação da corporeidade (BEREOFF, 1999).

A regressão na formação corporal deve-se ao fato de que por meio da padronização e repetição de conhecimentos corporais pré-estabelecidos, diminui-se as possibilidades de sensações autênticas, verdadeiras e reais, que são condições básicas para o conhecimento corporal, portanto, estas experiências danificadas, por meio destes bens culturais reificados, propiciam uma “deseducação” dos sentidos, possibilitando assim, interiorizar a dominação, pois, apresentam-se como um “elemento espiritual sem vinculação viva a sujeitos vivos”, levando o espírito a ser dominado pelo fetiche da mercadoria.

Segundo Pucci, (1995) “[...] para Adorno, o travamento da aptidão à experiência tem a ver com o mecanismo ‘psicodinâmico’ de repressão do diferenciado em prol do ‘sempre idêntico’, uniformizado, da sociedade massificada, totalmente administrada” (p. 64).

Em trabalho recente, ao tentarmos demonstrar que o tecnicismo na Educação Física não foi, e “[...] não é um mero acidente no curso histórico, mas o resultado de um processo social objetivo” (BEREOFF, 2018, p. 17) que representa a racionalidade da formação da identidade da subjetividade social, tratamos de um mecanismo repressivo que paralisa e prende a subjetividade: as “belas imagens” dos produtos do esporte-espetáculo midiático pela Indústria Cultural.

São esses elementos reificados, acabados que diminuem o momento materialista da experiência formativa, ao negar continuamente a aprendizagem que só pode ocorrer por meio de um processo de abertura às possibilidades construtivas, criativas, portanto, miméticas das técnicas corporais artesanais, pré-científicas, ao contrário da técnica na atualidade que, “Veicula as características de uma fase em que, por analogia com a ciência, o método surgia como independente do seu conteúdo” (ADORNO, 1988, p. 240). Reificação que por fim provoca uma cisão entre a técnica e o humanismo, pois segundo Adorno, “A própria fratura entre a técnica e o humanismo, tal como me parece de forma irremediável, é uma parte da aparência produzida socialmente” (ADORNO, 1986, p. 4).

No trabalho sobre “A Técnica corporal”, citado anteriormente (BEREOFF, 2018), ao tentarmos apresentar de que maneira a própria técnica de aprendizagem poderia servir de crítica imanente a esse mecanismo tecnicista, que de forma repressiva impõe

seu método sobre o conteúdo, centramos nossas ações na explicitação das contradições experimentadas na realidade do conhecimento corporal fetichizado, com o intuito de iluminar tal cisão e denunciar o potencial regressivo oculto na heteronomia provocada pela constelação das belas imagens padronizadas das atividades físicas na atualidade.

Assim, para nos mantermos fiéis ao pensamento em epígrafe, nos cabe agora fazermos uma apreensão crítica desta constelação imagética que serve de elemento para a “formação cultural”, pensando por contradição as contradições experimentadas nesse conhecimento corporal advindo dessas belas representações reificadas, paralisadas, em seu condicionamento histórico, ou seja, como aparência produzida socialmente. E isto é crítica da sociedade, que por sua vez, é crítica do conhecimento, do pensamento identificante.

Para iluminar a realidade deste conhecimento corporal fetichizado, cuja identidade é fruto da racionalidade, tentaremos, neste estudo teórico, por meio do procedimento dialético negativo e tendo como instrumento de análise a categoria estética na interlocução com Nietzsche e Adorno, relacioná-lo com o que ele não é: um conhecimento instintivo, sensível, pois, historicamente o conhecimento dos sentidos sempre foi negado pela filosofia ocidental.

DESENVOLVIMENTO

Neste caminho especulativo, antes de revermos os pensamentos filosóficos de nossos interlocutores - pensamentos adorniano e nietzscheniano-, até mesmo para elucidá-los, cabe-nos lembrar - com a ajuda de Chauí (1997) - primeiramente alguns preceitos históricos de nossa filosofia tradicional.

O ser humano em toda sua história, sempre buscou explicações sobre a realidade natural e humana. Como um Ser mundano, obtinha um entendimento regido pela natureza da qual ele é parte constitutiva.

Na antiguidade, os homens eram regidos pelo conhecimento da aparência das coisas, pela mera opinião que cada um possuía sobre a realidade, em que as emoções e os sentimentos os faziam aceitar ou rejeitar algo ou alguma explicação sobre a realidade. Tais explicações eram dadas pelos mitos, que eram narrações sobre a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobre naturais que governavam o mundo e o destino dos seres humanos.

Porém, o ser humano, seja pela vontade (carência), segundo Schopenhauer, ou pela necessidade de não mais sentir medo de ter sua vida dirigida por outrem, pelo acaso da natureza, decide-se pelo uso da razão, que no verbo grego ou latino significa: contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular, e em outras palavras, julgar e organizar o seu destino, a sua vida (CHAUÍ, 1997).

Assim, surge a Filosofia, um trabalho intelectual sistemático, que se utiliza de um caminho ordenado, no qual o pensamento segue um conjunto de regras e procedimentos racionais para alcançar a verdade das coisas naturais e humanas, opondo-se à mera opinião, aos sentimentos, à crença na revelação divina e às contradições e limitações das narrativas míticas.

Mas, segundo Nietzsche em “O nascimento da Tragédia no Espírito da Música” publicado em 1871, na antiguidade existia

[...] unidade entre o pensamento e a vida, esta “estimulando” o pensamento, e o pensamento “afirmando” a vida. Mas o desenvolvimento da filosofia teria trazido consigo a progressiva degeneração dessa característica, e, em lugar de uma vida ativa e de um pensamento afirmativo, a filosofia ter-se-ia proposto

como tarefa “julgar a vida”, opondo a ela valores pretensamente superiores, medindo-a por eles, impondo-lhe limites, condenando-a (FEREZ, 1996, p. 9).

Como nos explica Nietzsche, esta degeneração apresenta-se claramente com a metafísica socrática, que estabeleceu uma forma de disputa, de oposição - dialética - entre o essencial e aparente, verdadeiro e falso, inteligível e sensível, uma nova forma para julgar a vida a partir de “[...] valores “superiores” como o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bem” (FEREZ, 1996, p. 9). Com Sócrates, surge o entendimento sob a direção da razão do homem teórico na busca destes valores.

Sócrates cria uma verdadeira oposição dialética entre o homem teórico e o homem trágico, neste “[...] o instinto é uma força afirmativa e criadora, e a consciência uma força crítica e negativa” (FEREZ, 1996, p. 10), mas naquele, o instinto passa a ser crítico e a consciência criadora, dando início a “[...] uma verdadeira mutação no entendimento do Ser” (FEREZ, 1996, p. 10).

A tese socrática da racionalidade contra o instinto, afastou cada vez mais o homem do conhecimento sensível, pois, este tipo de sabedoria de acordo com tal tese era ilusório, incapaz de distinguir o aparente do real, o falso do verdadeiro, distinção acessível somente ao pensamento abstrato, lógico-racional.

Para Nietzsche, a filosofia acaba degenerando o conhecimento ao separar o instintivo do racional, complementares entre si, como Dioniso e Apolo: Dioniso, o deus sensível da embriaguez, da exuberância, da desordem, do vinho e da música; Apolo, o deus da clareza, da harmonia e da ordem. Separação esta ilusória da metafísica que não tardaria em encontrar seus limites, transformando-se em arte, em simples representação das aparências da vida, que é multívoca e por isso não pode ser julgada, mas interpretada (FEREZ, 1996).

Portanto, para Nietzsche a metafísica por meio do homem racional e insensível, inaugura a teoria do conhecimento lógico, do pensamento identificante - dominante - das ideias verdadeiras ou falsas, inaugura a Lógica do Progresso, aparência de uma verdadeira Lógica da Decadência.

Para nós, é este mesmo pensamento identificante que está na essência da produção social desta constelação de belas imagens corporais fetichizadas, por isto, tentaremos avançar no sentido de compreender melhor este pensamento dominante, que segundo os teóricos clássicos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, chegou a ser assim, sob determinadas condições históricas e hoje resulta na crise da formação cultural em nossa sociedade moderna.

Porém, neste caminho traremos algumas indicações do pensamento de Nietzsche, por um lado, para elucidar as questões expostas e por outro lado, pelo fato de que tal pensamento coaduna-se com a tese central de Adorno: que a categoria estética possa ser uma forma de correção da rota da filosofia, por assim dizer, do pensamento, que decidiu-se por dominar o outro, ao invés de admirar-se e espantar-se com esse outro.

Ao que parece, ao homem só existe duas opções: Ser o sujeito que se submete à natureza, sendo um elemento diferenciado, mas que vive a totalidade, faz parte da unidade natural, ou submeter à natureza ao Eu do sujeito transcendental, constitutivo da totalidade, que vive esta abstração, forçando a reconciliação com o que lhe é diverso.

Sobre esta primeira opção do homem, Nietzsche, nos dá um exemplo a partir da antiga civilização grega, que conhecia e sentia os pavores e sustos da existência e para superá-los tinha um mundo olímpico, onde deuses viviam a vida humana e triunfavam sobre uma pavorosa profundidade da visão do mundo e sobre a mais excitável sensibilidade ao sofrimento, somente pela ilusão apolínea era possível suportar a existência (NIETZSCHE, 1997).

Para Nietzsche, o homem grego era o protótipo do homem trágico, o qual por meio do estado dionisíaco mergulhava o espírito em um estado de abandono, de rompimento com a atividade intelectual e com a vontade, com a consciência da existência cotidiana. Mas, tão logo a efetividade cotidiana retorna à consciência, ela é sentida, com nojo, pois, ao lançar um olhar verdadeiro na essência das coisas, com esta visão da horrível verdade, mata-se o agir, e segundo Hamlet, de acordo com Nietzsche, a ação requer que se esteja envolto no véu da ilusão (NIETZSCHE, 1997).

No véu de Maya é que a arte, como complementação e perfeição da existência, é capaz de converter aqueles pensamentos de nojo sobre o susto e o absurdo da existência em representações com as quais se pode viver; é um dizer sim sem reserva à contradição, mesmo ao sofrimento, mesmo à culpa, mesmo a tudo que é problemático e estranho na existência. O dizer sim à realidade é o eterno retorno daquele que não domina, e nem o quer, mas se compraz no devir, no vir-a-ser, levando a negação a seu último grau e fazendo dela uma ação, uma instância a serviço daquele que cria, que afirma a vida. Este é o instinto à vida ou uma vida por instinto, a qual nem sempre é bela.

Porém, parece que o homem no desenvolvimento de sua civilização escolheu a segunda opção, juntamente com Sócrates -o qual percebia que o homem exercia sua existência por instinto, vivendo em um mundo das meras opiniões contraditórias, segundo Parmênides, o mundo das aparências, confundindo a realidade com as suas sensações, percepções e lembranças-, decidiu-se por abandonar as aparências, o mundo das ilusões, e através do pensamento e da linguagem, tentar alcançar o conhecimento verdadeiro das coisas, a busca da verdadeira essência da realidade (NIETZSCHE, 1997).

A busca socrática desta verdade seria alcançada com o diálogo, com a dialética platônica, que a partir das imagens e opiniões contraditórias, iria separando os opostos em pares: inteligível e sensível, verdadeiro e falso, aparência e essência, e assim, expulsando a contradição para alcançar, com muito otimismo, conceitos idênticos aplicáveis a todos e a tudo.

Por sua vez, Aristóteles discordava de seu mestre, pois, a dialética opera sobre opiniões contrárias do pensamento e da linguagem, sem demonstração ou prova de ter alcançado a essência das coisas, por isto deveria ser substituída pela analítica ou lógica, que era um instrumento, por meio de um conjunto de procedimentos de demonstração e prova, para garantir o uso correto do princípio de identidade (NIETZSCHE, 1996a).

Assim, este otimismo socrático da razão poder conhecer a realidade, a essência de todas as coisas e aquilo que ela não é capaz de entender não existe, pois, é mera ilusão dos sentidos, alcança o projeto burguês em nossa civilização, tendo um desenvolvimento jamais visto na história, do qual somos herdeiros necessários.

Um desenvolvimento, que Nietzsche em uma bela passagem de seu texto, assim descreve:

E agora não devemos esconder aquilo que se esconde no seio desta civilização socrática! O otimismo que se crê sem limites! Agora não devemos ficar apavorados, se os frutos desse otimismo amadurecem, se a sociedade, azedada até as mais profundas camadas por uma civilização dessa espécie, estremece pouco a pouco sob exuberantes ebulições e apetites, -crises epistemológicas e dominações desenfreadas de um idealismo como fúria- se a crença na felicidade terrestre para todos, se a crença na possibilidade de uma tal civilização do saber universal pouco a pouco se transforma na ameaçadora exigência dessa felicidade terrestre alexandrina, na invocação de um deus ex machina euripidiano! (NIETZSCHE, 1997, p. 215-216).

Portanto, assim só nos resta fazer uma auto-reflexão crítica deste legado, o pensamento identificante que torna tudo em idêntico e exclui toda e qualquer diferença que ameaça sua onipotência. Para tal exercício, usaremos alguns aforismos de Adorno, que tratam sobre o assunto a partir da categoria dialética, mas, uma “Dialética Negativa” como rota corrigida da filosofia pela estética, pela arte e que se diferencia de sua genealogia, a dialética hegeliana.

Para elucidarmos um pouco mais essa lógica da identidade, inicialmente citamos um trecho do estudo de Pucci, “Filosofia da Educação: Para quê?”, extraído da “Dialética Negativa” de Adorno: O conceito

[...] é aparentemente mais abrangente que seu objeto, pois, enquanto tal, não diz respeito apenas a este particular, mas a uma infinidade de outros. Não obstante sua prepotência de totalidade, ele fica devendo ao objeto uma explicação mais adequada. A auto-reflexão crítica tem presente este difícil desafio: a realidade ultrapassa os conceitos que a querem enquadrá-la, os objetos são mais que seus arquétipos. Esta premissa parece contradizer a norma da filosofia tradicional, que definia o conhecimento como ‘adequatio rei et intellectus’. Há sim adequação - uma forma de identidade - que nos permite dizer que tal conceito se refere a tal realidade; caso contrário não haveria conhecimento. O conceito, porém, não esgota a plenitude da realidade. Esta é plurívoca, sempre desafia o intelecto a penetrá-la mais. Resguarda sua intimidade e, ao mesmo tempo, se desnuda como um outro diferente da imagem que a quis possuir (PUCCI, 1998, p. 31).

Sobre este meio da diferença entre o universal e o particular, é que a “Dialética Negativa”, enquanto um anti-sistema, recorre aos meios de uma lógica dedutiva, para recusar o princípio de identidade e a onipotência de um conceito superior, mostrando que esta forma idealista é um confinamento, que “[...] só pode ser ultrapassado por dentro: deve ser chamado por seu nome ao compreender seu próprio procedimento dedutivo, ao demonstrar sua desunião e falsidade no desdobrar do conceito de totalidade” (ADORNO, 1975, p. 149).

Somente assim, uma dialética pode desenvolver-se a serviço da reconciliação, da emancipação do não-idêntico, rememorando este múltiplo, que hoje aparece como que excluído da razão decadente do espírito dominador da natureza, que conduz a humanidade à adequação, à realidade opressiva, por meio da identidade desta lógica da decadência que é falsa, pois, “[...] converte o objeto em sujeito. A filosofia tradicional afirma que conhece o dissemelhante quando o assimila; e na realidade não faz mais que conhecer a si mesma” (ADORNO, 1975, p. 153).

Essa exigência imanente de imutabilidade, do sempre idêntico, da indiferenciação, “[...] se torna coação porque antecede qualquer conteúdo específico e porque, apreendida de maneira abstrata, simplesmente assume caráter negativo. A força desta negatividade impera realmente até hoje. Até hoje não se firmou o diverso” (ADORNO, 1975, p. 148-149).

Por isto, Adorno afirma que para livrar-se da coação sofrida na realidade, a humanidade deve atingir a identidade deste conceito formal, que segundo ele, em seu texto “Sobre Sujeito e Objeto”, é:

[...] a consciência da identidade do espírito que, repressivamente, se identifica ao que lhe é diverso. Se fosse permitido especular sobre o estado de reconciliação, não caberia imaginá-lo nem sob a forma de indiferenciada unidade de sujeito e objeto nem sob a de sua hostil antítese; antes, a comunicação do diferenciado. [...] O atual é tão vergonhoso porque trai o melhor, o potencial de um entendimento entre homens e coisas, para entregá-lo à comunicação entre sujeitos, conforme os requerimentos da razão

subjetiva. [...] Paz é um estado de diferenciação sem dominação, no qual o diferente é compartilhado (ADORNO, 1995a, p. 184).

Apesar do reconhecimento do sujeito ser constitutivo da realidade, Adorno não atribui à razão identificante uma força histórica autônoma, incondicionada das condições materiais, capaz de criar a própria sociedade, a cultura. Por isso, afirma que, dessa identidade participam todas as categorias relevantes. Condicionando assim, o pensamento identitário a um princípio da sociedade: a troca. “É na troca que a identificação encontra seu modelo social, e uma não existiria sem a outra; é por ela que seres e atos únicos, não-idênticos, se tornam comensuráveis, idênticos. A extensão do princípio reduz o mundo todo ao idêntico, à totalidade” (ADORNO, 1975, p. 150).

Mas, é em seu texto, “Progresso” (ADORNO, 1995b), que vamos entender que, o princípio do sempre idêntico, que em sua forma originária trazia a promessa de reconciliação, esteve sempre irmanado à dominação, ao controle da natureza externa e interna do homem. E tal controle, possibilitaria, segundo a fórmula liberalista, ‘o máximo possível para o maior número’, portanto, sendo assim, entendido como um progresso da humanidade.

Entretanto, esse progresso gerado pelo sempre idêntico origina-se na troca de equivalentes, que segundo Adorno: “Na verdade, [...] desde tempos recuados, é só outro nome para a troca do desigual” (ADORNO, 1975, 150).

E ainda que,

Na equivalência -igual por igual- de toda operação de troca, um ato compensa o outro, e vice-versa; o saldo se reduz a zero. Se a troca foi justa, nada terá ocorrido, tudo permanece como antes. Mas, ao mesmo tempo, a afirmação do progresso -antagônica em relação àquele princípio- é tão verdadeira quanto é mentira a doutrina da troca de equivalentes. [...] A verdade do acréscimo nutre-se da mentira da igualdade. [...] Onde a sociedade burguesa satisfaz o conceito que ela mesma cria, não conhece progresso; onde o conhece, infringe sua lei, na qual está contido esse delito, e perpetua a injustiça com a desigualdade sobre a qual deveria elevar-se o progresso (ADORNO, 1995b, p. 59-60).

Este é um duplo caráter do progresso que, segundo Adorno em seu aforismo “O palácio de Janus”,

[...] sempre desenvolveu o potencial da liberdade ao mesmo tempo que a realidade efetiva da opressão, acarretou uma situação em que os povos ficavam cada vez mais integrados no processo de dominação da natureza e na organização social, tornando-se, porém, em virtude da coerção infligida pela cultura, ao mesmo tempo incapazes de compreender em que sentido a cultura ia além dessa integração (ADORNO, 1993a, p. 129-130).

Incapazes de perceber que esta cultura, o pensamento identificante, transforma a realidade em ideologia, segundo Adorno (1975) “A identidade é a forma originária da ideologia. [...] A identidade se torna instância de uma doutrina da adaptação na qual o objeto, ao qual o sujeito tem de se adaptar, acaba cobrando deste aquilo que lhe foi tirado” (p. 151), a diferença.

Ainda, Adorno em parceria com Horkheimer em seu texto “Ideologia”, expõe que:

[...] hoje, o homem adapta-se às condições dadas em nome de um realismo. Os indivíduos sentem-se, desde o começo, peças de um jogo e ficam tranquilos. Mas, como a ideologia já não garante coisa alguma, salvo que as coisas são o que são, até a sua inverdade específica se reduz ao pobre axioma

de que não poderia ser diferente do que são. Os homens adaptam-se a essa mentira, mas, ao mesmo tempo, enxergam através de seu manto (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 203).

Segundo Nietzsche, esta mentira é, a cultura de auto-conservação dos fracos que não tem a liberdade de conhecer, que, em nossa civilização de ‘décadents’ é reconhecida como o ‘ideal’, pois, é a única, porque “[...] há somente um mundo, e este é falso, cruel, contraditório, enganoso, sem sentido” (NIETZSCHE, 1996b, p.49) O que torna mais inteligível a afirmação de Adorno que: “O todo é o não-verdadeiro” (ADORNO, 1993b).

O que na atualidade identificamos como não-verdadeiro é a formação da subjetividade que é indireta, proporcionada por um sistema racional que insiste em resumir a essência do desigual em ideias iguais e essenciais, apresentando como formas/aparências universais, técnicas corporais com um caráter estático, arquétipos que servem de mediação entre o sujeito e o objeto na realidade. Representação subjetiva de uma objetividade ideal, na qual as belas imagens corporais se apresentam como o resultado de uma técnica primordial, a forma mais eficaz, para todos indistintamente, de intervenção entre formação cultural e trabalho corporal.

Esta forma idealizada, representação subjetiva, por meio do princípio social da troca, é continuamente ofertada pela Indústria Cultural, que aparentemente inspirada na frase de Schiller, tem como mote “A vida é bela”, basta apenas consumi-la. Por isto o interesse dessa indústria em divulgar “democraticamente” a todos as mais belas imagens corporais produzidas pelos seres humanos em suas atividades culturais, sejam elas esportivas, artísticas, transformando esses artífices em “[...] deidades, protótipos corporais de força, velocidade, agilidade, destreza e beleza apolínea para serem expostos como mercadorias entre a massa de homens, mulheres e crianças normais ou mortais” (BEREOFF, 2018, p. 105).

Destarte, a Indústria cultural se apresenta como o mundo da plena satisfação pessoal, laboral, sexual, em suma, corporal, no entanto esse mundo mágico e belo é enganoso, repressivo, pois o que fica obscurecido é o fato de que “A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete” (ADORNO, 2002, p. 34).

Essa aparente democratização é ludibriosa, porque ao cliente é permitida a liberdade de escolha de modelos e ideais preestabelecidos, a partir um cardápio de belas imagens mercadológicas, que se apresentam com um “alto poder de sublimação”, conduzindo-o a uma heteronomia social, negando-lhe assim, por meio desta experiência danificada, o real processo formativo.

Nesta mesma Indústria cultural, com grande poder de reprodutibilidade técnica de suas mercadorias, surgidas de um pensamento constitutivo capaz de identificar uma única ideia sublime para tudo e para todos, produtos/bens de uso espetaculares acessíveis a todos por meio da troca, que observamos a ampliação da acessibilidade das atividades físico-esportivas à massa, porém

[...] não em condições favoráveis à maioria do povo; pode-se dizer que tal acessibilidade se dá por meio de algumas informações técnicas, e não pela formação técnica adequada, que exige mediação e continuidade com a realidade físico-esportiva. Isso porque somente a informação sobre a técnica primordial não é o suficiente para a formação, pois ela é pontual, e não processual; diferente do processo do fazer técnico, que não informa apenas, mas forma gradualmente a representação que mais se aproxima daquilo que o objeto diz ou quer dizer (BEREOFF, 2018, p. 106).

Mas, ao final do texto “Ideologia”, Horkheimer e Adorno colocam que: “[...] bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum. Mas esse esforço parece ser o mais custoso de todos” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 203).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não saberíamos precisar o quanto custoso é este esforço, mas os fatos evidenciam a inevitabilidade de tal enfrentamento, sendo assim, neste trabalho tentamos demonstrar a imperiosa necessidade do espírito em aceitar a razão contra sua razão, fazendo pelo que lhe é exterior, não-idêntico, por mais paradoxal que pareça, a crítica imanente dessa aparência que é produto da consciência constitutiva, pois, “[...] um pensamento irreconciliável se associa a esperança de reconciliação, por que a resistência do pensamento contra o que simplesmente existe, a imperiosa liberdade do sujeito, busca no objeto o que este, ao se consolidar, havia perdido” (ADORNO, 1975, p. 28).

Um esforço para recuperar aquilo que o conhecimento racional identificante, por meio da imposição da bela forma, subtraiu do sujeito, a experiência sensível com o objeto, com o conteúdo, com a realidade corporal, o que corrobora a nossa hipótese inicial de que a semiformação motora proporcionada pela indústria cultural não é: um conhecimento instintivo, sensível.

Tal subtração das possibilidades corpóreas evidencia o equívoco do pensamento identificante, pois seu

[...] erro está na representação única, que acredita não depender mais do objeto, por julgar que a ideia é indiferenciada daquele - a consciência da identidade do espírito; mesmo que este objeto permaneça em sua frente como um verdadeiro outro, a mediação é negada, e essa negação em demasia afasta o sujeito do conhecimento do objeto e de si mesmo, ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto. Isso nos leva a compreender, como salienta Adorno e também Nietzsche, que forma e conteúdo são inseparáveis; no entanto, a simetria em demasia é o fundamento de todo o conhecer racional (BEREOFF, 2007, p. 58).

Constatação esta que demonstra a coerência da crítica de Nietzsche ao pensamento socrático/cientificista, que em julgar ser a razão a única atividade digna do homem, quebrou a tensão da dialética entre a sabedoria instintiva e a sabedoria racional, enredando assim o mundo no pensamento identificante, ideológico, e que agora, segundo o próprio Nietzsche, o homem moderno em seu vasto e ermo mar do saber, aspira por terra firme (NIETZSCHE, 1997).

Neste sentido Adorno, em seu aforismo “Para Terminar” (ADORNO, 1993c) em *Minima Moralia*, expõe que, a situação social clama irrecusavelmente para que se enfatize um outro momento constitutivo no ato de conhecer do espírito, o momento instintivo do conhecer direto e imediato - empírico - do simples contato com os objetos, para se restabelecer a tensão dialética.

Um reestabelecimento capaz de resgatar ao sujeito a sua potencialidade interpretativa da multiplicidade da vida, que de acordo com a tese adorniana, poderá ocorrer por meio da contribuição do conhecimento estético, como, correção da rota da filosofia, possibilitando assim, a construção de um saber diferente daquele prazer socrático do conhecer dominando, porque ela, a arte, apresenta uma tensão dialética entre seus dois momentos constitutivos: mimesis - racionalidade. Esta tensão é outra

possibilidade que merece com toda a certeza a nossa reflexão, mas que ficará para outro momento.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- ADORNO, T. W. Sobre sujeito e objeto. *In*: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995a. p. 181-201.
- ADORNO, T. W. Progresso. *In*: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995b. p. 39-45.
- ADORNO, T. W. “O palácio de Janus”. *In*: ADORNO, T. W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 1993a. p. 129-130.
- ADORNO, T. W. Frutas anãs. *In*: ADORNO, T. W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 1993b. p. 41-42.
- ADORNO, T. W. “Para Terminar”. *In*: ADORNO, T. W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 1993c. p. 215-216.
- ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- ADORNO, T. W. “Uber technik und humanismus”. *In*: **Gesammelte Schriften 20**, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. Disponível em: <http://www.unimep.br/anexo/adm/13032015162121.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Madrid: Taurus, 1975.
- BEREOFF, P. S. **A técnica corporal: gradus ad parnassum para a arte da educação física escolar**. Curitiba: Appris, 2018.
- BEREOFF, P. S. Epistemologia da motricidade humana. **Integração (USJT)**, v. 1, p. 55-59, 2007.
- BEREOFF, P. S. Educação física escolar e a semiformação do trabalho corporal. *In*: LASTÓRIA, L. A. C. N.; COSTA, B. C. G. da; PUCCI, B. **Teoria crítica, ética e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2001. p. 227-237.
- BEREOFF, P. S. **Experiência formativa e educação física**. São Paulo: Editora Unisa, 1999.
- CHAUÍ, M. S. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FEREZ, O. C. Vida e obra de Nietzsche. *In*: NIETZSCHE, F. W. **Obras completas**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 5-15.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Ideologia. *In*: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. (Eds.). **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 184-205.
- NIETZSCHE, F. W. O nascimento da tragédia no espírito da música. *In*: DUARTE, R. **O belo autônomo**. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 201-220.
- NIETZSCHE, F. W. Sobre o Nascimento da Tragédia. *In*: NIETZSCHE, F. W. **Obras completas**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1996a. p. 45-48.
- NIETZSCHE, F. W. A Arte em O Nascimento da Tragédia. *In*: NIETZSCHE, F. W. **Obras completas**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1996b. p. 49-50.

Paulo Sergio Bereoff

PUCCI, B. Filosofia da educação: para quê ? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 23-43, jan./jun. 1998.

PUCCI, B. (Org.). **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em: 30 mar. 2020.

Aprovado em: 25 abr. 2020.